

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

Loucura ou exílio? A literarização da demência materna e paterna por Heloisa Seixas e Arno Geiger

Rosvitha Friesen Blume¹

Titel: Irrsinn oder Exil? Die Literarisierung der Demenz der Mutter und des Vaters durch Heloisa Seixas und Arno Geiger

Title: Madness or Exile? The Literarization of Mother's and Father's Insanity by Heloisa Seixas and Arno Geiger

Palavras-chave: Alzheimer – Heloisa Seixas – Arno Geiger – exílio – loucura

Schlüsselwörter: Alzheimer - Heloisa Seixas – Arno Geiger – Exil – Irrsinn

Key-words: Alzheimer - Heloisa Seixas – Arno Geiger – Exile – Madness

Introdução

Estamos envelhecendo. As estatísticas comprovam a realização do que tanto a humanidade sempre desejou: uma vida mais longa. Só que com essa conquista surge o desafio de lidar com as indesejadas fraquezas da senilidade, especialmente com a demência. A literatura contemporânea não tem se furtado a tratar desse tema tão inquietante. Dois exemplos, em minha opinião magistrais, são os livros da brasileira Heloisa Seixas (2007) e do austríaco Arno Geiger (2011)². Ao mesmo tempo que tratam, de modo muito pessoal, de dramas vividos por eles e por suas famílias, acabam contando, de alguma maneira, a história de muitos leitores. Numa clara noção de quanto o seu tema tem uma dimensão intersubjetiva ou social, Arno Geiger mune seu texto da seguinte epígrafe: “Man muss auch das Allgmeinste persönlich darstellen”³.

¹ Professora da graduação em Letras Alemão e da pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC; rosvithafriesenblume@gmail.com

² Outros exemplos recentes são: Jonathan Franzen, *Das Gehirn meines Vaters* (ensaio) e *Die Korrekturen* (romance), ambos de 2002; Tilman Jens, *Demenz: Abschied von meinem Vater* (romance, 2009) e Martin Suter, *Small World*, (romance, 1997); John Bayley *Iris. A Memoir of Iris Murdoch*, (1998). Fernando Aguzzoli. *Quem, eu?* (2015).

³ É preciso apresentar individualmente até aquilo que é mais geral. (p. 05)

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

Os enredos são semelhantes. O livro de Heloisa inicia com a seguinte frase da filha narradora: “Foi no dia em que minha filha saiu de casa que minha mãe enlouqueceu.” (p. 9), o “marco zero”, como vai definir esse momento mais tarde (p. 57). A partir daí vai construindo a biografia da mãe, acompanhada de sua própria, em uma série de *flash backs* que narram diferentes fases do passado da família e que explicam como era essa mãe em seu estado normal e como ela se transforma aos poucos, à medida que a doença avança, em seus diferentes estágios, desde a drástica mudança de personalidade no início, passando pela depressão, as monomanias, a paranoia psicótica, as alucinações (p. 91) até o avanço da doença para uma dependência total e grande apatia, quando a mãe não reconhece mais a própria filha.

Já o livro de Geiger inicia com uma frase talvez um pouco mais branda: “Als ich sechs Jahre alt war, hörte mein Großvater auf, mich zu erkennen.”⁴ (p. 7) Embora talvez não tão chocante, por não introduzir já o protagonista propriamente, o pai doente, e nem usar o verbo “enlouqueceu”, a frase remete ao inquietante componente de hereditariedade da doença – ela está na família. Mas, se o início da doença do pai é introduzido de modo mais gradativo, o enredo como um todo é semelhante ao de Heloisa, intercalando-se *flash backs* sobre a vida pessoal e familiar do pai e do filho narrador com outros sobre a gradual evolução da doença para um estágio avançado, em que o pai se encontra numa casa de repouso, nesse ponto diferente da mãe de Heloisa, que é cuidada em casa.

1. Metáforas para descrever o Mal de Alzheimer

Como colocar em palavras essa doença que assola cada vez mais pessoas e aterroriza a sociedade contemporânea? Quais são as imagens mais apropriadas para descrevê-la? Em Heloisa Seixas temos as seguintes: “Esgarçados os filtros e desaparecida a autocensura, tudo o que ela tentou controlar, escamotear, esconder, pela vida afora, veio à tona quando sua mente começou a se degradar.” (p. 40); “Minha mãe, com seus filtros rotos [...]” (p. 41) Ou: “Eram pequenas clareiras que se abriam em sua mente, lapsos mínimos, tremores quase imperceptíveis, curto-circuitos em miniatura, impedindo a passagem dos impulsos elétricos, danificando os fios, mergulhando os neurônios, lentamente, um a um, na escuridão.” (p. 21) Ou ainda: “Por um tempo as coisas caminharam assim, de lapso em lapso, as diminutas tempestades elétricas acontecendo

⁴ Quando eu tinha seis anos, meu avô deixou de me reconhecer. (p. 07)

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

em segredo, calcinando pontes, os trovões fazendo estremecer cidades em miniatura – dentro da cabeça de minha mãe. (p. 22) E, mais adiante: “Depois de transposta a fronteira, o processo se acelerava. O real fora estilhaçado como um espelho, trazendo consigo maus augúrios e uma impossibilidade – jamais seria possível colar-lhe os pedaços.” (p. 68) Aludindo ao título do livro de Heloisa, “A razão da aflição desaparecera, tragada para algum canto escuro de sua mente.” (p. 71) Com muito pesar a filha constata: “E a pessoa se desconstrói.” [...] “Ando pela casa e encontro fragmentos, pedaços desse quebra-cabeça, desse jogo desfeito em que se transformou minha mãe.” (p. 123)

No final, com o estágio avançado da doença, a filha narradora procura descrever a situação com palavras soltas, que aparecem em linhas destacadas: “desaprendizado, descognição, desconexão.” [...] “Assombro.” (p. 125) Duas páginas adiante, “Assombro, horror.” (p. 127) e, mais uma adiante, “Assombro, horror, nojo.” (p. 128). “É assim a caminhada de minha mãe pela região de sombras.” (p. 131) Em outro trecho, ainda, ela afirma: “Minha mãe é um bebê. Uma criança pequena, de talvez uns 2 anos de idade. Mas uma criança triste.” (p. 114)

Já para Geiger essa metáfora do demente senil como bebê ou criança não é adequada: “Denn ein erwachsener Mensch kann sich unmöglich zu einem Kind zurückentwickeln, da es zum Wesen des Kindes gehört, dass es sich nach vorne entwickelt.”⁵ [...] “Das Alter gibt nichts zurück, es ist eine Rutschbahn [...]”⁶ (p. 14) Algumas imagens que Geiger emprega: antes de a doença chegar com força, logo após a separação dos pais, o narrador constata: “Es war, als sei die letzte Feder in ihm gesprungen.”⁷ (p. 22) E: “Die Krankheit zog ihr Netz über ihn, bedächtig, unauffällig. Der Vater war schon tief darin verstrickt, ohne dass wir es merkten.”⁸ (p. 20) “Die Krankheit fraß sich nicht nur ins Gehirn des Vaters, sondern auch in das Bild, das ich mir als Kind von ihm gemacht hatte. [...] Jetzt hielt ich ihn für einen Schwachkopf.”⁹ (p. 23) “Schließlich gelangte er auch inhaltlich zu einer Privatlogik, die so frappierend war,

⁵ Pois é impossível que uma pessoa adulta involua até se tornar uma criança, visto que essência da criança é evoluir. (p. 14)

⁶ A verdade é que a velhice não devolve nada, é um tobogã [...]. (p. 15)

⁷ Era como se sua última mola tivesse estourado. (p. 22)

⁸ A doença encobriu-o com sua rede, aos poucos, de maneira imperceptível. Sem que tivéssemos notado, ele já estava completamente emaranhado nela. (p. 20)

⁹ A doença corroía não apenas o cérebro de papai, mas também a imagem que eu fizera dele quando criança. [...] Agora eu o achava mais e mais um cabeça oca. (p. 23)

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

dass wir zunächst nicht wussten, sollten wir lachen, staunen oder weinen.”¹⁰ (p. 52) Ou: “Die Verschmitztheit, die er früher gehabt hatte, wurde wieder sichtbar, es war wie bei der Schönheit eines überwucherten Gartens, der ein wenig ausgelichtet wird.”¹¹ (p. 101) E ainda outra metáfora relacionada à natureza: “Tatsächlich trieb die Krankheit in ihm jetzt seltsame Blüten.”¹² (p. 104)

A seguinte imagem alude ao título do livro de Geiger: “Er sah jetzt wie ein König aus – mit Zepter und Schwert. Doch im Gesicht trug er den Stempel des Irrinns.”¹³ (p. 105) Esta é a única vez que o filho menciona a palavra “loucura” em todo o livro. Isso em face de uma cena lamentável em que o pai estava fazendo birra diante da cuidadora. O filho encontra o pai sentado no banheiro, com a toalha de banho cobrindo os ombros, a escova de cabo longo para as costas em uma mão e uma lixa pontiaguda na outra. Um pouco adiante: “[...] um diesen Dreh herum hatte das ganze Schlamassel angefangen.”¹⁴ (p. 109) Num momento de grande agitação do pai: “Es war, als irre er im Krieg zwischen den zerbombten Häusern herum auf der Suche nach einem Lebenszeichen.”¹⁵ (p. 123)

Mas o filho narrador também atenta para o que o próprio pai diz sobre a doença: “Ach, die schönen Zeiten, als ich jung ar, als ich jung war, war es draußen noch schön. Jetzt ist es grimmig – grimmig.”¹⁶ (p. 113) Em outro momento: “Ja, einiges ist bei mir kaputtgegangen, das weiß ich. Aber ich brauche es nicht mehr.”¹⁷ (p. 116) Ou ainda: “Ideen hätte ich viele, aber sie kommen nicht mehr heraus.”¹⁸ (p. 178) E, por fim, o pai falando sobre si e seus co-habitantes da casa de repouso: “Wir sind lauter Geflickte.”¹⁹ (p. 177)

¹⁰ Por fim, ele formulava uma lógica particular tão surpreendente que, a princípio, não sabíamos de devíamos rir, chorar ou nos espantar. (p. 52)

¹¹ Sua sagacidade de antes se tornava visível novamente. Era como a beleza de um jardim com muito mato depois de um pouco de poda. (p. 103)

¹² A doença, realmente, lhe proporcionava momentos peculiares. (p. 106)

¹³ Agora ele realmente se parecia com um rei – com cetro e espada. Mas a loucura se estampava em seu rosto. (p. 108)

¹⁴ [...] por volta desse ano teve início toda a confusão. (p. 112)

¹⁵ Era como se estivesse errando entre casas bombardeadas durante a guerra, à procura de algum sinal de vida. (p. 125-126)

¹⁶ “Ah, os bons tempos, quando eu era jovem, quando eu era jovem, lá fora ainda era gostoso. Agora é horrível... horrível.” (p. 115)

¹⁷ “Sim, alguma coisa se quebrou em mim, eu sei. Mas eu não preciso mais disso.” (p. 117)

¹⁸ “Ideias tenho muitas, só que elas não saem mais.” (p. 184)

¹⁹ “Nós somos um bando de remendados” (p. 183)

2. O Mal de Alzheimer como metáfora

Se há uma intensa busca dos autores pelas palavras mais adequadas para expressar o indizível horror da doença, ela mesma, a doença, configura-se como uma metáfora para a situação do sujeito contemporâneo, descentrado, fragmentado. Em Geiger isso é comentado de modo muito explícito:

Menschliche Eigenschaften und gesellschaftliche Befindlichkeiten spiegeln sich in dieser Krankheit wie in einem Vergrößerungsglas. Für uns alle ist die Welt verwirrend, und wenn man es nüchtern betrachtet, besteht der Unterschied zwischen einem Gesunden und einem Kranken vor allem im Ausmaß der Fähigkeit, das Verwirrende an der Oberfläche zu kaschieren. Darunter tobt das Chaos. Auch für einen einigermaßen Gesunden ist die Ordnung im Kopf nur eine Fiktion des Verstandes. (p. 57-58)²⁰

E Geiger expande ainda mais a metáfora. Para ele o Mal de Alzheimer serve como imagem para representar a situação da sociedade contemporânea como um todo:

Gleichzeitig ist Alzheimer ein Sinnbild für den Zustand unserer Gesellschaft. Der Überblick ist verlorengegangen, das verfügbare Wissen nicht mehr überschaubar, pausenlose Neuerungen erzeugen Orientierungsprobleme und Zukunftsängste. Von Alzheimer reden heißt, von der Krankheit des Jahrhunderts reden.²¹ (p. 58)

3. A literarização da demência e a função da escrita

Transformar em literatura um tema tão delicado e inquietante: para quê? Seria um modo de torná-lo mais conhecido ou mesmo de responder à curiosidade que muitos de nós, leitores, temos sobre essa doença? Uma dessas perguntas, por exemplo, seria, se os atingidos por esse mal têm consciência de que estão enlouquecendo e, se sofrem com isso.

A resposta de Heloisa é desanimadora. Ela afirma e reitera o sofrimento profundo da mãe e, na fase mais inicial, a certeza de que ela tem consciência de que está enlouquecendo: em dado momento da narrativa a mãe olha para a filha e diz: “Eu sei

²⁰ Características humanas e situações sociais são refletidas por essa doença como se estivessem sendo vistas através de uma lente de aumento. Para todos nós, o mundo é desconcertante, e quando o observamos com serenidade, nota-se uma diferença entre uma pessoa doente e uma sã, principalmente em relação à capacidade de disfarçar na superfície aquilo que é perturbador. Por baixo disso, reina o caos. A ordem mental é, mesmo para alguém razoavelmente saudável, apenas uma ficção do entendimento. (p. 58)

²¹ Ao mesmo tempo, Alzheimer é um símbolo do estado de nossa sociedade. A visão geral foi perdida, o conhecimento disponível não é mais visualizado por completo, inovações contínuas geram problemas de orientação e medos quanto ao futuro. Falar de Alzheimer significa falar da doença do século. (p. 58)

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

que estou enlouquecendo. Eu devia me matar.” (p. 86) E a filha narradora reflete: “Nossa mente não pode suportar a ideia de que estamos enlouquecendo. [...] Dizem que os loucos nunca sabem que estão loucos – mas não é verdade.” (p. 85)

Já Geiger procura mostrar um quadro um pouco menos desolador, esforçando-se para extrair algo de belo ou de poético da situação. Embora o pai se queixe que a mente não lhe ajuda mais, ele sorri com frequência, canta, conversa com as pessoas. O filho narrador presta especial atenção ao comportamento linguístico e discursivo do pai, que o impressiona e, por vezes, encanta; são frases curiosas, engraçadas ou mesmo de grande profundidade que o doente enuncia. O filho diz: “Ich fühlte mich in Berührung mit dem magischen Potential der Wörter [...]”²² (p. 101) Certa vez o pai dissera: “Bei diesen Dingen habe ich zum Teil auch mitgemacht [...] Aber bitte das Wort *zum Teil* nicht allzu groß auffassen, es ist sehr klein zu verstehen.”²³ (p. 101) E, “aus *zukünftig* machte er *kuhünftig*, das *Ende des Lateins*, das ich bekundete, konterte er, er selber befinde sich *nicht am Ende des Lateins, sondern am Ende des Daseins*.”²⁴ (p. 101)

Conforme Foucault já havia teorizado, “há uma curiosa afinidade entre a literatura e a loucura. A linguagem literária não está obrigada às regras da linguagem cotidiana” (Foucault, 1999, p. 239); esse potencial poético da linguagem dos loucos é admirada pelo filho e acaba servindo-lhe, de alguma forma, como alento. Certa vez o pai reclama: “Ich bin einer, der nichts mehr zu melden hat. Da ist nichts mehr zu machen.” A isso o filho comenta: “Es waren Sätze wie dieser, die auch ein Held von Franz Kafka oder Thomas Bernhard gesagt haben könnte, ich dachte mir, da haben sich zwei gefunden, ein an Alzheimer erkrankter Mann und ein Schriftsteller.”²⁵ (p. 114) Em outro texto Foucault (2001, p. 47) também discorre sobre a motivação para escrever: “Escrever para não morrer, como dizia Blanchot, ou talvez mesmo falar para não morrer é uma tarefa sem dúvida tão antiga quanto a fala.” [...] E, mais adiante ele explica: “É possível, como diz Homero, que os deuses tenham enviado os infortúnios aos mortais para que eles pudessem contá-los, e que nesta possibilidade a palavra encontre seu

²² [...] eu me sentia tocado pelo potencial mágico das palavras. (p. 103)

²³ “Eu também tive uma participação nessas coisas” [...]. “Mas, por favor, não enfatize demais a palavra *alguma*; ela foi muito restrita.” (p. 103)

²⁴ De *zukünftig* [futuramente] ele criou *kuhünftig* [especialista em vacas]; ele contestou minha afirmação de que eu estava no *fim do meu latim* dizendo que ele próprio não estava no fim do seu latim, *mas no fim de sua vida*. (p. 104)

²⁵ “Sou alguém que não tem mais nada a dizer. Não há como mudar isso.” Essas frases também podiam ter sido ditas por um herói de Franz Kafka ou de Thomas Bernhard. Aí estão dois que se acharam, eu pensava, um homem doente e um escritor. (p. 116)

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

infinito manancial.” O narrador de Geiger percebe essa função da escrita, essa luta contra a morte: “Gleichzeitig bringt das Erzählen dadurch, dass es sich dem Verschwinden widmet, die verschwundenen Dinge zurück.”²⁶ (p. 175)

A narradora de Heloisa Seixas afirma que começou a escrever por “medo de morrer, medo de enlouquecer.” (p. 35) Isso, na verdade, bem antes de a mãe ficar doente. Sua terapeuta até mesmo dissera que ela “fora salva pela palavra. A palavra escrita.” (p. 35) E ela afirma que os escritores são um pouco “como as crianças e os loucos, adivinhamos coisas, ou dizemos o que talvez devêssemos esconder. Faz parte do ofício de escrever – essa loucura que às vezes é capaz de curar.” (p. 131) Literarizando a demência da mãe, a autora recorta uma vida em palavras, a da sua mãe, mas também a própria, trazendo à tona muitas dores, mágoas, ressentimentos de ambas em relação ao passado. Ao final da narrativa a filha narradora afirma: “estou pacificada.” [...] “A revolta acabou.” (p. 133)

O processo é semelhante em Geiger; o filho narrador também acaba se reaproximando do pai em meio à doença e ao processo da escrita. “Es wird wohl stimmen, was Jacques Derrida gesagt hat: dass man stets um Vergebung bittet, wenn man schreibt.”²⁷ (p. 23) O filho narra como a distância que houvera entre ele e seu pai na juventude vai se encurtando e as mágoas e os ressentimentos se dissolvem.

Es gibt da etwas zwischen uns, das mich dazu gebracht hat, mich der Welt weiter zu öffnen. Das ist sozusagen das Gegenteil von dem, was der Alzheimer-krankheit normalerweise nachgesagt wird – dass sie Verbindungen kappt. Manchmal werden Verbindungen geknüpft.²⁸ (p. 179)

Conclusão:

Para além das significativas semelhanças entre as duas histórias, os títulos evocam o que se confirma ao longo das mesmas. A de Heloisa, com a sua metáfora do “lugar escuro” para a demência e o subtítulo “uma história de senilidade e loucura”, é mais negativa, mais inconformada com a crueldade da doença e do destino da mãe. Já o livro de Geiger parece determinado a extrair mesmo de toda a desgraça que também

²⁶ Ao mesmo tempo, por se dedicar ao desaparecimento, a narrativa traz as coisas desaparecidas de volta. (p. 182)

²⁷ Deve ser verdade aquilo que Jacques Derrida disse: quando escrevemos, estamos sempre pedindo por perdão. (p. 24)

²⁸ Há algo entre nós que me levou a me abrir mais ao mundo. Isto é, por assim dizer, o contrário daquilo que normalmente se diz do mal de Alzheimer – de que ela quebra relações. Às vezes, criam-se relações. (p. 185)

Blume, Rosvitha F. – Loucura ou exílio?

transparece na história, algo de valor, alguma poesia, enfim, a preservação da dignidade humana, através da figura do rei no título, mesmo em meio à extrema degradação da mente, visualizada pela imagem do exílio, também no título, embora, para isso, seja necessária uma boa dose de estetização literária, como acusa a irmã do narrador: “Wenn sie, was ich schreibe, lese, gehe es ganz gut, dann könne sie darüber schmunzeln. Doch die Situation selber sei ein Horror.”²⁹ (p. 152-153) De uma maneira ou de outra, ambas as histórias emocionam profundamente por representarem de modo muito pessoal e, ao mesmo tempo, intersubjetiva e literariamente magistral, a questão da fragilidade e da efemeridade humana.

Referências bibliográficas

- BRAUN, Michael. „Der alte König in seinem Exil“. Arno Geigers literarische Glückssuche. KAS [Konrad Adenauer Stiftung], Nr. 500/501 Juli/August 2011 Disponível em: http://www.kas.de/wf/doc/kas_23344-544130.pdf?110815142419 (Acesso em: 01.11.2015)
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Filiações e rupturas do modelo autobiográfico napós-modernidade. In: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecilia; et al. *em primeira pessoa*. Abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, 2009.
- FOUCAULT, Michel. A Loucura e a Sociedade. In: M. FOUCAULT, *Ditos e Escritos I*. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999, p. 235-242.
- FOUCAULT, Michel. “A Linguagem ao Infinito”. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos III*. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, p. 47-59.
- GEIGER, Arno. *Der alte König in seinem Exil*. München: Hanser, 2011.
- SEIXAS, Heloisa. *O lugar escuro*. Uma história de senilidade e loucura. Rio de Janeiro:Objetiva, 2007.

²⁹ Segundo ela, ler o que eu escrevia não tinha problema, dava até para sorrir. Mas a situação em si era um horror. (p. 157)